

Colecção: ACTAS & COLÓQUIOS

Direcção: Dr. Fernando Mão de Ferro

Títulos publicados:

- *Documentos do Encontro sobre os Novos Programas de Português*
M.^a Raquel Delgado-Martins, Inês Duarte et al.
- *Documentos do Encontro «A Comunidade Africana em Portugal»*
Organização de Cristina Simões, Frank-Ulrich Seiler, et al.
- *Actas do Colóquio sobre «Crioulos de Base Lexical Portuguesa»*
Organização de Ernesto d'Andrade e Alain Kihm
- *Pensar Feuerbach – Colóquio Comemorativo dos 150 anos da Publicação de «A Essência do Cristianismo» (1841-1991)*
Coordenação de J. Barata-Moura e Viriato Soromenho Marques
- *Os Estudos Germanísticos nos Oitenta Anos da Faculdade de Letras de Lisboa*
Coordenação de Rita Iriarte, Teresa Furtado e Teresa Cadete
- *Colóquio Herman Melville*
Coordenação de Teresa Ferreira de Almeida Alves e Teresa Cid
- *Actas do Colóquio Religião, História e Razão – Da Aufklärung ao Romantismo*
Coordenação de Manuel J. Carmo Ferreira e Leonel Ribeiro dos Santos
- *Portugal-Alemanha-África Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*
Coordenação de A. H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz e Fernando Clara
- *Educação Estética e Utopia Política – Colóquio comemorativo dos 200 anos da publicação de Para a paz perpétua de I. Kant e de Sobre a educação estética do ser humano de F. Schiller (1795-1995)*
Coordenação de Leonel Ribeiro dos Santos
- *As Ordens Militares em Portugal e no Sul da Europa – Actas do II Encontro sobre Ordens Militares*
Coordenação de Isabel Cristina Ferreira Fernandes e Paulo Pacheco
- *Rilke – 70 anos depois – Actas do Colóquio Interdisciplinar*
Organização de Maria Teresa Furtado, Maria Helena Silva, Manuela Ribeiro
- *Descartes, Leibniz e a Modernidade – Actas do Colóquio*
Coordenação de Leonel Ribeiro dos Santos, Pedro M. S. Alves, Adelino Cardoso
- *Ética e o Futuro da Democracia*
Coordenação de João Lopes Alves
- *Turismo: Horizontes Alternativos*
Coordenação de Joaquim Pintassilgo e Maria Adelaide Teixeira
- *Primeiras Jornadas de Desenvolvimento e Ambiente*
Coordenadora Científica: Maria Leonor Meisel
- *Ordens Militares: guerra, religião, poder e cultura – Actas do III Encontro sobre Ordens Militares*
Coordenadora Isabel Cristina Fernandes
- *A Construção da Europa*
Coordenação de Sérgio Matos
- *Homenagem a Fernando Pessoa*
Coordenação de Rosa Correia
- *Walt Whitman*
Coordenação de Teresa F. A. Alves e Teresa Cid
- *Francisco Suárez (1548-1617) Tradição e Modernidade*
Coordenação de Adelino Cardoso, António Manuel Martins, Leonel Ribeiro dos Santos
- *Colóquio “A Formação Pedagógica dos Professores no Ensino Superior”*
Coordenação de Cassiano Reimão
- *Utopia e Quixotismo II Bienal de Cascais – Utopia 97*
Organização e coordenação da C. M. de Cascais e Fundação D. Luís I
- *Garrett às Portas do Milénio*
Coordenação de Maria Lúcia Lepecky
- *O Esoterismo e as Humanidades*
Coordenação de Maria Isabel Sampaio Barbudo
- *O Federalismo Europeu História, Política e Utopia*
Coordenação de Ernesto Castro Leal
- *Contradições Electivas*
Organização de Teresa Seruya
- *António Nobre em Contexto*
Organização de Paula Morão
- *Propaganda & Poder Congresso Peninsular de História da Arte*
Coordenação de Ivo Castro, Maria João

GARRETT ÀS PORTAS DO MILÉNIO

Coordenação

Comissão Executiva dos “Seminários Garrett”



Edições Colibri

COMENTÁRIO

*José Luís Saldanha Sanches**

Num brevíssimo comentário à rigorosa e exaustiva análise do Prof. Fernando Araújo sobre o pensamento político de Almeida Garrett vamos tentar, apenas, contrapor à sua perspectiva sobre Garrett uma outra:

Na verdade onde o Prof. Fernando Araújo vê uma permanente oscilação entre várias posições de fundo encontramos nós uma posição imutável quanto ao essencial a acompanhar permanentes adaptações da sua posição: desde aquelas em que Garrett acompanha as dos seus companheiros de geração e percurso até às menos interessantes concessões feitas ao sabor de uma tentativa de carreira política mais ou menos falhada.

Estabilidade quanto à ideologia, no sentido pós-revolução francesa deste termo, como elemento da geração vintista: a principal responsável pela derrocada do antigo regime.

Um regime abalado primeiro pelo despotismo-iluminado de Pombal e ferido de morte pelas dupla ocupação francesa e britânica: e se a ocupação francesa vem comprometer gravemente os macónicos afrancesados que a recebem de braços abertos os invasores, a ocupação inglesa vem simultaneamente permitir-lhes a reabilitação e continuar a difusão *manu militari* da maçonaria entre nós. Permitindo que a criação do Estado liberal, com a importação apressada dos modelos franceses, coincidissem com a criação do conceito de patriotismo.

E por isso a chegada da maçonaria (Almeida Garrett era também um pedreiro livre), por via francesa e por via inglesa vem abalar os baluartes tradicionais do antigo regime. Da Igreja à Universidade.

Pode provavelmente afirmar-se que tanto na Igreja como na Universidade, predomina o conservantismo. Notável era a existência de exceções entre os professores de Coimbra os ou cónegos de S. Vicente de Fora.

* Universidade de Lisboa

Com ou sem exceções, o ambiente de pesado imobilismo da Universidade nas vésperas da Revolução era o caldo de cultura em que surgiam os arautos das novas eras e os admiradores do Imperador Napoleão.

Tornando Garrett um Fabricio del Dongo em versão lusitana que tentou participar na Batalha de Waterloo mas que escrevia no seu poemas:

“Vai-te ano velho, vai-te e nunca volvas...”
 “Foram teus dias, dias de rotina,
 Como as lições sabidas,
 Da ensebada, suja caderneta
 De um lente de Coimbra...”

Entre a tradição ultramontana da maioria dos mestres e o ensino iluminado de outros, Garrett sente-se um Bruto.

E não apenas um Bruto de retórica vazia: poucos anos depois, em 1827 a Sociedade dos Divodignos e ao planear e parcialmente executar o assassinato dos lentes miguelistas no período de quase guerra civil que antecedeu o seu começo está a dar forma, pelo pior modo possível, aos radicalismos literários de Garrett

É a violência destes embates, a violência política, as prisões e os exílios, e a guerra civil, que explicam a relativa coerência – descontando os baixos jogos da política a partir daí feitos à luz do dia, nos clubes e nos jornais – da geração de Garrett.

Apesar dos duros embates com a realidade e do cortejo das desilusões: a destruição do antigo regime com passagem do espólio do antigo regime para os novos proprietários foi, é sabido, uma espécie de saque ornamentado por algumas formas jurídicas. É o período do ataque dos devoristas aos bens nacionais e Garrett que teve de mendigar um lugar de cônsul e que não tinha suficientemente influência política para conseguir ser pago não pertencia ao grupo dos devoristas. Tal como nunca pertenceu à oligarquia financeira que se formou à volta de José da Silva Carvalho e depois de Costa Cabral.

Por isso podia dizer Garrett, num tom de confiança e de desencanto, que depois da passagem dos bens nacionais, das terras dos conventos e das lezírias da Casa do Infantado para os seus novos donos, o novo Regime estava salvo: os seus antigos donos, os próceres do antigo regime não poderiam já regressar.

Uma vez que tinham beneficiado da partilha iriam defender o regime constitucional com a “tenacidade do egoísmo”.

Com o descontentamento dos excluídos na génese das posições de Garrett.

O que não impede Garrett de ser sempre o homem do Estado Constitucional no século constitucional.

Sem qualquer semelhança com as oscilações da Geração de 70 com as suas posições anti-liberais e oscilações de um ao outro extremo do espectro político. Desde as Conferências do Casino aos Vencidos da Vida e os apelos ao regresso a uma nova forma de autoritarismo, com um “Estado forte”.

Não nos parece por isso que se possa dar uma interpretação demasiado literal à posição de Garrett em que a defesa do novo Estado liberal surge legitimada por uma antiga corrente pactícia que remontaria às legendárias das Cortes de Lamego no sentido em que isto era assumido pela ala direita dos constitucionalistas.

Para quem a criação de uma governo representativo mediante o “reviver de muitos artigos do nosso antigo direito público”(Francisco Trigo de Aragão Morato).

Num clássico mecanismo de legitimação do novo Estado pelo regresso ao passado, por meio dos mecanismos da invenção de uma tradição (Hobsbawm) que implicaria um passado pré-absolutista.

Na verdade Garrett veio incluir esses modos de legitimação no seu discurso pondo estas posições moderadas no lugar antes ocupado pelas suas radicais.

Da fase em que as posições de Garrett eram quase republicanas: o Garrett que participa nas archotadas, que está próximo dos “amigos de Saldanha” e dos Setembristas. Os irmãos Passos que pretendiam cercar o trono de instituições republicanas.

Mas o discurso radical não tem condições de vitória.

E desse recuo tático provém a aceitação da constituição por outorga real, a participação na guerra civil sob o comando de um caudilho real (D. Pedro IV): meras concessões táticas de Garrett e da corrente vintista.

Que aceita as duas sedes de poder: a Coroa e o Parlamento. Uma forma conservadora dos contrapesos constitucionais.

Onde o poder real funciona como uma zona de consenso e de dissenso.

“O Estado da Questão” da Patuleia em que a esquerda setembrista ameaça o trono é o breve retorno à posição quase republicana.

Rompendo por algum tempo, com o discurso consensual e moderado como condição do êxito político.

Que Garrett exprime quando fala as cortes de Lamego, a religião dos direitos do trono, a santidade da religião e do “IMPÉRIO DAS LEIS”.

Uma vez que no Estado concebido como um organismo de natureza ética e espiritual e a posição do monarca, o monarca como órgão do Estado era o problema central do Estado oitocentista (Bockenförde).

E por isso até ao período estabilizador da regeneração se vai oscilando entre, a Constituição e a Carta, a liberdade do povo e a autoridade do rei. A vontade geral vs o trono e a Câmara dos Pares.

No fundo a posição vintista foi a que exprimiu Alexandre Herculano quando é interpelado por Antero para se pronunciar sobre as Conferências do Casino e se pronuncia sobre a Monarquia e a República.

Afirmando que, conquanto houvesse liberdade, lhe era indiferente que esta se sentasse sobre um trono ou uma tripeça.